



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES
GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA/UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA

MARIA ELIZINETH ANACLETO DANTAS PINHEIRO

HISTÓRIA E IDENTIDADE DE PILÕES –
DA CONQUISTA DO PADRE SÁ AO CELEIRO DA CULTURA DE ARROZ E
EXTRATIVISMO ANIMAL E MINERAL

SOUSA - PB

2014

MARIA ELIZINETH ANACLETO DANTAS PINHEIRO

**HISTÓRIA E IDENTIDADE DE PILÕES –
DA CONQUISTA DO PADRE SÁ AO CELEIRO DA CULTURA DE ARROZ E
EXTRATIVISMO ANIMAL E MINERAL**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria Estadual de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do Grau de Especialista.

Orientadora: Prof^ª Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

Sousa – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P654h Pinheiro, Maria Elisineth Anacleto Dantas
História e identidade de Pilões [manuscrito] : da conquista do
Padre Sá ao celeiro da cultura de arroz e extrativismo animal e
mineral / Maria Elisineth Anacleto Dantas Pinheiro. - 2014.
41 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade
Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e
Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra,
Comunicação Social".

1.Memória histórica. 2.Turismo. 3.Potencial econômico. 4.
Extrativismo. I. Título.

21. ed. CDD 907.2

MARIA ELIZINETH ANACLETO DANTAS PINHEIRO

**HISTÓRIA E IDENTIDADE DE PILÕES –
DA CONQUISTA DO PADRE SÁ AO CELEIRO DA CULTURA DE ARROZ E
EXTRATIVISMO ANIMAL E MINERAL**

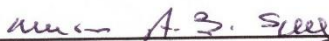
Monografia apresentada ao curso de Especialização
Fundamentos da Educação da Universidade
Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria
Do Estado da Educação da Paraíba em
cumprimento a exigência para Obtenção de grau de
especialista.

Aprovado em 06/12/2014

Banca Avaliadora:



Ada Keesa Guedes Bezerra
Orientadora



Marcos Antônio Barros
Examinador



Ana Alice Rodrigues Sobreira
Examinadora

“Pilões é um presente do açude, e uma grande conquista do ínclito
Padre Joaquim Cirilo de Sá”.

Professor Edilson Tomaz de Sousa

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao professor Edílson Tomaz de Sousa. Graças à sua parceria, senti-me estimulada a revisar uma bibliografia de grande interesse local e que constituirá fonte e subsídios para as gerações futuras que, certamente se embelezarão pela riqueza cultural, histórica e econômica de nossa terra, nossa gente. Obrigada pelas sugestões, além da paciência e incentivo neste laborioso trabalho.

DEDICATÓRIA

Uma homenagem especial Antônio Bento da Silva

Quase um século de história.



Foto 1. Antônio Bento da Silva, na sua residência, em 23 de março de 2008.

Pilões rende agradecimentos a uma figura folclórica desta comunidade. Um homem simples que deixa sua terra natal para fixar residência às margens do açude de Pilões, onde construiu toda a sua família, e que hoje recebe o carinho, respeito e admiração dos seus conterrâneos pela sua bravura de homem sertanejo e de mãos calejadas, mas de um coração puro e solidário que, através da fé e esperança transforma a vida de todos que o rodeiam.

Falar do senhor Antônio Bento Alves, já é motivo de orgulho, pois os seus 98 anos bem vividos é uma prova do amor, carinho e respeito pela vida que ele tão bem soube preservá-la. Confesso que, me senti tocada pela energia que transita do fundo do coração do senhor Antônio Bento quando é interrogado sobre o torrão onde morou por muitas décadas. “Falar de Pilões é um grande orgulho, pois foi nessa terra que construí a minha vida e tudo que é de precioso para mim: a minha família”. As palavras do Senhor Antônio Bento provocam arrepio, pela simplicidade e humildade com que fala do torrão natal. Tive o enorme prazer de conversar com o senhor Antônio Bento da Silva, no dia 23 de março de 2008, quando na oportunidade pesquisava sobre a história do povoado de Pilões e, pude navegar um pouco na história desse homem simples, mas de um coração imenso capaz que levar-nos ao passado através de suas histórias muito bem contadas.

Antônio Bento Alves, nasceu no dia 10 de abril de 1910, no vizinho município de Santa Helena, na comunidade conhecida como Sítio Pé Branco. Do Sítio Pé Branco migrou

para o município de São João do Rio do Peixe, onde morou por alguns anos e, depois foi residir na cidade de Missão Velha. Ao sair de Missão Velha fixou residência no povoado de Pilões, onde reside até hoje. Casado com a senhora Raimunda Maria Alves, tiveram juntos 10 filhos, sendo 3 do sexo masculino e sete mulheres, que lhe renderam dezenas de netos, bisnetos e tataranetos. Considerando o morador mais antigo e ainda vivo da localidade, o senhor Antônio Bento Alves é uma verdadeira memória da história dessa comunidade, onde através de suas histórias conta todo o processo de povoamento e fatos históricos e sociais que marcaram a fundação de Pilões. Antônio Bento foi personagem na construção de Pilões; como operário ajudou nas obras que hoje se tornam históricas através do tempo. Funcionário do DNOCS trabalhou juntamente com outros colegas no desenvolvimento desta comunidade. Personagem histórico que registra através da memória fatos marcantes, como por exemplo, a invasão de Virgulino Ferreira, vulgo Lampião, na comunidade de Pilões, arrastando o medo e o terror na população. Antônio Bento ajudou a difundir a palavra de Deus aos corações do povo católico da comunidade, pois, através de sua fé no santo protetor dos operários, ajudou na construção da capela de São José se constitui num marco do catolicismo local.

Ao senhor Antônio Bento Alves a nossa admiração pelo exemplo de honestidade e dignidade, que serve de modelo para todos nós. A Deus, o maior agradecimento por nos presentear com essa figura humana, que através da graça do Pai todo poderoso conversa conosco e nos estimula a lutar pela vida, sempre ajudando aos mais necessitados e comungando a partilha com os irmãos. Rogamos ao Pai, muitos anos de vida para o nosso Antônio Bento.

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade contribuir com um dossiê sobre o distrito de Pilões; povoação que cresceu e floresceu a partir da construção do açude público de Pilões, graças à luta aguerrida do ínclito Padre Joaquim Cirilo de Sá. A premissa sustentada aqui é a de que o município tem uma história rica que muito revela sobre a identidade de seu povo, de modo que se faz imprescindível preservá-la. Na parte inicial do trabalho é feita uma descrição sucinta das características históricas, socioculturais, geográficas, econômicas e infraestruturais do distrito. Aborda ainda, todo um contexto relacionado ao turismo local, colocando Pilões como grande celeiro econômico regional em função das atividades agrícolas e extrativas existentes no local. Todo o material se constitui em um importante acervo bibliográfico e subsídio para educadores, educandos, governantes e turistas.

Palavras-chave: Memória Histórica. Turismo. Potencial Econômico. Extrativismo.

ABSTRACT

This paper aims to contribute with a dossier on the district drumsticks; village which grew and flourished from the construction of the public weir pylons, thanks to fierce fighting illustrious Father Joaquim Cirilo de Sá. Sustained premise here is that the municipality has a rich history that reveals much about the identity of his people, so that is indispensable to preserve it. In the early part of the paper gives a brief description of the historical, socio-cultural, geographical, economic and infrastructural characteristics of the district. Addresses still a whole related to local tourism context, placing pylons as large regional economic barn due to the existing onsite agricultural and extractive activities. All material constitutes an important bibliographic and allowance for educators, students, governors and tourists.

Keywords: Historical Memory. Tourism. Economic Potential. Extraction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 PILÕES HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS.....	13
1.1 O SURGIMENTO DA COMUNIDADE DE PILÕES.....	13
1.2 ASPECTOS FISIAGRÁFICOS DE PILÕES.....	13
1.3 O AÇUDE DE PILÕES – Uma conquista do Pe. Sá.....	13
1.4 ACONQUISTA DA ESTRADA DE FERRO PASSANDO POR SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE.....	15
1.5 CONSTRUÇÃO DO AÇUDE DE PILÕES	16
1.6 SUSPENSÃO DA OBRA DE CONSTRUÇÃO DO AÇUDE.....	18
1.7 1932 E A RETOMADA DA CONSTRUÇÃO DO AÇUDE.....	18
1.8 PROGRAMA SOCIOECONÔMICO DESENVOLVIDO PELO IFOCS.....	19
1.9 PILÕES NO AUGE DO DNOCS.....	20
1.10 PILÕES E O DECLÍNIO DO DNOCS.....	21
1.11 O DISTRITO DE PILÕES E A ADMINISTRAÇÃO DO INTERPA.....	22
1.12 PILÕES NOS DIAS DE HOJE.....	24
2 POR UMA IDENTIDADE DE PILÕES.....	25
2.1 RELIGIÃO E POLÍTICA – PADRE SÁ, O PADRE POLÍTICO.....	25
2.2 A BIOGRAFIA DO PADRE SÁ.....	27
2.3 A TRADIÇÃO RELIGIOSA DA COMUNIDADE DE PILÕES E A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA.....	30
2.4 UMA IDENTIDADE FIRMADA ENTRE A RELIGIOSIDADE E A BUSCA ATRAVÉS DO PROGRESSO DE SUAS POTENCIALIDADES.....	33
2.4.1 Extração de Granito.....	33
2.4.2 As lavouras de subsistência e comerciais nas margens da barragem de Pilões.....	36
2.4.3 O turismo.....	37
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41.
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

INTRODUÇÃO

Em muitas de suas palestras, a escritora Rosilda Cartaxo sempre exaltava: “Queria ver Pilões transformado em um grande pomar, onde a população ribeirinha tivesse água e alimento para as suas famílias e, com o excedente da produção promover o crescimento da economia local, através do abastecimento das cidades circunvizinhas”. Seria esse também o sonho de Padre Sá? Não muito distantes esses dois personagens de nossa história comungaram o mesmo desejo, ver Pilões transformado em grande celeiro da economia são-joanense, no entanto, esse sonho foi acalentado pelo tempo, enquanto a população de Pilões convive com a severidade climática em que o gigante açude padece com a falta de investimentos por parte dos nossos governantes e autoridades. O enorme potencial agrícola e turístico é sempre relegado há segundos plano.

Na minha infância, tive o prazer de desfrutar do banho nas águas do açude de Pilões e contagiada pela química dessas águas e o calor dos piloenses me apaixonei pelo local, ao ponto de reunir informações sobre a histórica fundação do povoado. As amizades que conquistei na comunidade, a exemplo de Manuel Medeiros de Araújo e Luzia de Andrade Carneiro Figueiredo me inspiraram em produzir esse material como forma de registrar um passado de lutas e glórias, ao mesmo tempo, em que vislumbra um futuro promissor.

Foram poucos os que tiveram a iniciativa de escrever sobre a história de Pilões e ao ler o material de pesquisa elaborado pela professora Luzia de Andrade Carneiro, do povoado de Pilões, fiquei encantada e a partir daí comecei a revisar todo o material existente sobre esse rico e laborioso torrão.

Pilões é um território fértil e laborioso, que merece a atenção das autoridades no que concerne em implementar projetos nos mais variados campos, desde o extrativismo animal, através da pesca no açude, o extrativismo mineral, com destaque a exploração da rocha magmática granítica, e o turismo, uma importante fonte de divisa ainda pouco explorada.

O Distrito de Pilões sempre constitui um grande fascínio para a minha pessoa. A beleza de sua paisagem, as formações rochosas e a água como elemento essencial, geraram vidas e formou uma comunidade aguerrida em pleno sertão árido e castigada pelas intempéries. Um grande sonho do nosso inesquecível Padre Joaquim Cirilo de Sá, que hoje se lança como pólo agrícola, extrativo e turístico. Revisar a história das origens e fundação de Pilões foi como rebobinar o filme que documenta a história de meus pais, avós e parentes, pois, nesse terreno fértil e laborioso semearam muitas sementes.

A escolha do tema para elaboração do trabalho de conclusão de curso não poderia ser mais do que interessante quando nos remetemos a revisar a história de nossa terra e nossa gente, daí o motivo da feliz opção. Certa de estar contribuindo com a memória de nossa gente através de um apurado trabalho acadêmico é que resolvi mergulhar profundo nas páginas da história do Distrito de Pilões. Desde a elaboração do Projeto de Pesquisa senti que as dificuldades seriam muitas, mas não desanimei e encarei o desafio. Não medi esforço e contei com inúmeros apoios, desde os moradores mais antigos da localidade até os jovens da nova geração que interessados pelo resgate histórico da sua terra puderam me auxiliar.

A Metodologia diz respeito aos procedimentos que serão adotados para a realização do trabalho que se apresenta. De acordo com Michel (2009, p. 35), “pode-se entender metodologia como um caminho que se traça para resolver problemas e buscar respostas para as necessidades e dúvidas. A metodologia científica é um caminho que procura a verdade num processo de pesquisa [...]”.

A revisão bibliográfica aconteceu paralelamente as atividades de entrevista e oralidade desenvolvida com a comunidade do distrito de Pilões e através de um discurso direto a coleta de dados e informações sobre a população e o local foram substanciais para a tessitura dos textos ora apresentados e que certamente servirão de material de pesquisa para a academia.

A coleta de dados aconteceu inicialmente com aplicação do questionário sócio demográfico e logo em seguida com a entrevista semi-dirigida com os moradores da localidade, bem como visita in loco.

Ressalta-se que, a pesquisa ora apresentada tem um caráter etnográfico e por sua natureza interpretativa, é intrinsecamente democrática e constitui-se num deliberado envolvimento do pesquisador no local da pesquisa. O trabalho de campo realizado por meio de pesquisa etnográfica requer habilidades de observação, comparação, contraste e reflexão sendo utilizadas de maneira sistemática e de modo deliberado. A relação professor/pesquisador se torna importante porque a prática cotidiana torna-se muitas vezes invisível para aquele que está imerso nela e, o pesquisador-professor vê a prática com outro olhar e pode contribuir e ver mais claramente as dificuldades que envolve as ações cotidianas do docente. Essa parceria tem seus momentos de avanços como também pode apresentar recuos. Os avanços são marcados por uma parceria colaborativa e o recuo se dá pelo silêncio diante as dificuldades em lidar com um novo relacionamento.

Utilizou-se também a pesquisa-ação que é uma metodologia muito trabalhada em projetos de pesquisa educacional. A pesquisa-ação possibilita que o pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a

mobilizar os participantes, construindo novos saberes. É através da pesquisa-ação que o docente tem condições de refletir criticamente sobre suas ações. Define-se a pesquisa-ação como:

Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT apud GIL, 2007, p.55).

A pesquisa-ação supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico entre outros. A sua utilização como forma metodológica possibilita aos participantes condições de investigar sua própria prática de uma forma crítica e reflexiva. Nela estão envolvidos pesquisadores e pesquisados e todos estão envolvidos na solução de problemas e na busca de estratégias que visam encontrar soluções para os problemas.

Na elaboração deste trabalho foi importante o uso da oralidade por parte da comunidade pesquisada, haja vista, a falta de acervo bibliográfico a respeito da temática. As entrevistas realizadas contribuíram na construção dos textos apresentados.

Todo o trabalho de revisão bibliográfica e produções particulares constituem a história viva dessa gente que sonha com dias melhores. É um verdadeiro acervo que estimulará a pesquisa nas futuras gerações, certamente orientados pelos nossos educadores.

O trabalho também se constitui de grande importância acadêmica, haja vista, no Centro de Formação de Professores de Cajazeiras o acervo bibliográfico relacionado a história local praticamente inexistir. São trabalhos com esse quilate que abrem espaços para discussão e produções regionais e locais. O mérito da pesquisa está em reproduzir e preservar a memória dos nossos antepassados, ao passo que usamos dos avanços tecnológicos para tornar essa história mais próxima das gerações futuras.

1 PILÕES HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS

1.1 O SURGIMENTO DA COMUNIDADE DE PILÕES

O nome Pilões é originário da palavra pilão, instrumento de uso doméstico de grande beneficiamento do arroz, do milho e do café. No local onde foi construído o açude, antes existiram umas rochas do tipo sedimentar que nas longas eras de intemperismo acabaram por apresentar saliências em suas superfícies aparentando perfurações em formato de pilão, que se dizia serem obras dos primitivos habitantes do local, os índios Icós-pequenos, pertencente à nação Cariri e que viveram na região de Iço – CE à Pombal – PB. No povoado de Pilões já foram encontrados vestígios dos primeiros habitantes, através de machados de pedras utilizados pelos índios nas suas atividades diárias.

1.2 ASPECTOS FISIAGRÁFICOS DE PILÕES

Pilões é um pequeno povoado que está localizado na divisa dos municípios de São João do Rio do Peixe e Triunfo. A linha demarcatória entre os dois municípios é feita através do Rio do Peixe que atravessa a barragem de Pilões no período das cheias. A margem direita do rio pertence ao município de Triunfo e as terras localizadas a margem esquerda são de São João do Rio do Peixe.

Pilões faz divisas com os municípios de Poço de José de Moura, ao norte e Santa Helena a oeste. Ocupa uma área territorial de 7.010 hectares que compreendem não apenas o povoado de Pilões mas toda a faixa de terras que pertence à bacia hidrográfica do açude de Pilões. A área ocupada pela bacia de Pilões é povoada por 750 famílias que constituem a sua população.

1.3 O AÇUDE DE PILÕES – Uma conquista do Pe. Sá

Construído no período de 1921 a 1933, na administração do Ministro José Américo de Almeida, o Açude de Pilões foi uma luta indormida do Pe. Joaquim Cirilo de Sá junto ao Dr. Eptácio Pessoa, Presidente da República, no quadriênio de 1919 a 1922.

Com capacidade para 13 milhões de metros cúbicos de água, Pilões é um dos maiores açudes do alto sertão, importante ponto turístico, que, em fins de semana, recebe a visita de

centenas de pessoas, não só deste município, mas também das comunas circunvizinhas, que buscam suas águas para o tradicional banho de açude.

No ano de 1915, quando uma seca inclemente castigava o Nordeste, o Padre Sá, como era mais conhecido, em carta aberta, publicada no jornal A UNIÃO, edição de 04/09 desse ano, denunciava o doloroso drama vivido pela nossa população e o estado de abandono a que fora relegada.

Num trecho de sua carta, assim relatava o Padre Sá e fuga desesperada do sertanejo castigado pela seca:

Desde o começo do ano, quando de desvaneceu a fagueira esperança de inverno, levas de famintos aterrorizados pela fome, cruzam as estradas lutando pela vida sem rumo, sem alento, num vai e vem descompassado em demanda de lugares auspiciosos que lhes garantissem a existência malograda. Vultos esquecidos, maltrapilhos e andrajosos, vagam em debandada formada; nus, caindo vitimados pela fome, em sítios inóspitos para nunca mais se reerguerem.

Em outro trecho da carta, ele assim justificava a construção do Açude de Pilões:

Se tivéssemos o açude de Pilões na zona sertaneja, estaríamos amparados contra os horrores manifestados do fenômeno devassador pelo menos teríamos ricas vazantes de cereais, frutas, peixes e água em abundância e muitos outros meios preventivos para tempos anormais como o que estamos miseravelmente suportando.

Atendendo ao apelo do Padre Sá, o Governo Federal autoriza a construção da obra. Em fins de 1921, os trabalhos são iniciados, ficando o açude com a capacidade de 350 milhões de metros cúbicos de água, o que faria submergir, por completo, as fontes termiais de Brejo das Freiras, inutilizando-as para sempre. Por isso, Sólon de Lucena, então Governador do Estado, pediu a Dr. Epitácio Pessoa que mandasse proceder a um exame detalhado das águas, para verificar se elas continham elementos que justificassem o salvamento das fontes, sendo designado para tais estudos o Professor Lafayette Pereira, que, por sua vez, convidou Dr. Sá Benevides para auxiliá-lo nessa missão, o qual muito se esforçou para que as fontes fossem preservadas.

Feitos os exames das águas, constatou-se que elas continham algo que justificava o seu salvamento. Assim, reduzindo-se a cota do sangradouro – que era de 268 metros – as termas foram salvas da bacia hidráulica do açude. Entretanto, a 01 de julho de 1932, a obra era reiniciada, dando-se a sua inauguração a 14 de setembro de 1933, ato esse que contou com a

presença de Getúlio Vargas, então, Presidente da República, entre outras autoridades do cenário nacional de destaque. A 04 de março de 1934, o açude de Pilões sangra pela primeira vez, enchendo os corações de alegria e de muita esperança. Assim, concretizava-se o grande sonho do Padre Sá, sonho esse acalentado durante longos anos.



Foto 2. Pilões em situação crítica durante longos períodos de estiagem na década de 70.

1.4 ACONQUISTA DA ESTRADA DE FERRO PASSANDO POR SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE

A estrada de ferro para o oeste paraibano foi uma luta indormida do Pe. Sá. Inúmeras lideranças paraibanas se movimentaram para suas reivindicações. De um lado, os líderes de Lavras, no Ceará, e de Cajazeiras tinham estudos para ligar a estrada de Lavras, a Cajazeiras e Sousa. J. Vitor Jurema, em “A Notícia”, de 15 de setembro de 1915 afirmou: “Temos estrada de ferro, sendo à distância de oitenta léguas. Demos graças a Deus existir uma, no Ceará, que se distancia de nós vinte e sete léguas. Porque a nossa representação não consegue uma ramal ferroviário de Lavras às cidades de Cajazeiras, Sousa e Pombal?. Ficariam três importantes cidades do nosso Estado servidas pela estrada de ferro”. Este plano era defendido por fortes lideranças. Contra ele lutava o Pe. Sá que apresentou um plano mais econômico que seria ligar Paiano, no Ceará a São João do Rio do Peixe, na Paraíba.

Favorável a este plano, estava Arrojado Lisboa que na época, era Inspetor Geral das Obras Contra as Secas. Aconteceu a vitória do padre e a estrada veio e permanece até hoje.

Para Cajazeiras, veio o ramal que a Revolução suprimiu, como deficitário, substituindo-o por estrada asfaltada que encurtou a distância entre as duas cidades.

A chegada do primeiro trem de passageiros em São João do Rio do Peixe no ano de 1922 foi um motivo de alegria para a população que, diante a invenção da máquina de ferro, capaz de rodar entre trilhos, deixava todos abismados. Logo depois, em 1925, era inaugurada a Estação Ferroviária de São João do Rio do Peixe, ponto principal do embarque e desembarque de passageiros procedentes do Estado do Ceará e de outras cidades da Paraíba. Dada a preferência pelo transporte rodoviário, os famosos trens de passageiros saíram de linha e, aposentada, a Maria Fumaça apenas visita a nossa Estação Ferroviária atrelada a cargueiros que transportam minérios e outros produtos.



Foto 3. Ponte do Trem - uma conquista do Padre Sá.

1.5 CONSTRUÇÃO DO AÇUDE DE PILÕES

Em 1921, já no governo de Epitácio Pessoa, ex-senador da República, todo Nordeste foi beneficiado com um grande plano de obras preventivas contra as secas. Abriram-se as estradas de rodagem, visando o transporte das usinas de força termelétricas e demais maquinarias para o trabalho dos grandes açudes, entre eles o de Pilões.

Com essa medida o Presidente da República procurou beneficiar todo o Nordeste e sanar a situação do flagelo da seca.

O terreno onde seria construído o açude era propriedade das freiras do convento da Glória do Estado de Recife, o que resultou na indenização de toda a área.

Assim depois de muita luta a construção do açude foi iniciada em 1921. A licitação recaiu sobre a firma norte-americana Dwigth F. Robson e Cia., que deixou o alicerce quase pronto e todo o maquinário devidamente instalado, incluindo guindaste, britadores, casa de força construída por duas grandes caldeiras, estrada de ferro com locomotiva. Enfim, deixou todo canteiro de obra pronto, inclusive casas residenciais, escritório e casa de hóspedes.



Foto 4. Pilões – aspecto da construção do açude situado à jusante da barragem “PILÕES”



Foto 5. Escritório do DNOCS construído em Pilões no ano de 1922



Foto 6. Residências dos antigos funcionários do DNOCS construídas em 1922.

1.6 SUSPENSÃO DA OBRA DE CONSTRUÇÃO DO AÇUDE

O governo de Epitácio Pessoa chega ao final, a gestão seguinte não deu sequência ao plano de açudagem no Nordeste e o contrato com os americanos foi rescindido.

Os trabalhos dos grandes açudes foram suspensos. Várias pessoas que tinham sido atraídas pela construção do açude de Pilões ficaram inativas. Algumas pessoas voltaram para seus lugares de origem, e outras permaneceram no local aguardando o possível reinício das obras.

De qualquer maneira, o movimento, o acevo de obras e o maquinismo que ficou passaram a facilitar a circulação de pessoas, contribuindo para o surgimento do povoado de Pilões ao decorrer do canteiro de obras.

1.7 1932 E A RETOMADA DA CONSTRUÇÃO DO AÇUDE

Passados dez anos, isto é, no início de 1932, o então Ministro da Viação e Obras Públicas, Dr. José Américo de Almeida visitando o sertão paraibano, principalmente o município de São João do Rio do Peixe, recebeu o Senhor José Alexandre Filho, já ingressando a política, que o fez veemente apelo para que fosse retomada a construção do açude de Pilões.

O ministro comprometeu-se que ao chegar ao Rio de Janeiro iria estudar o assunto; pois o governo revolucionário estava empenhado em cumprir vários compromissos assumidos ainda quando candidato. E a solução do caso cíclico do Nordeste era um deles.

O Senhor José Alexandre Filho, “Sinhô Alexandre” como era conhecido convidou o ministro para visitar o local da obra.

Chegando ao referido local, o ministro José Américo de Almeida, vendo os serviços feitos em 1921 (início da obra), ficou certo que a quota 350.000.000 m³ inundaria a fonte de Brejo das Freiras; fato este que também foi defendido pelo interventor Antenor Navarro. Portanto, o açude de Pilões teve o primitivo plano alterado para diminuir a quota de represa e assegurar-se a imunidade das fontes de Brejo das Freiras.

Enquanto se aguardava uma resposta do ministro em relação ao reinício da construção do açude; um fato provocou uma reação a nosso favor, é que em 1932, uma grande seca assola o Nordeste, motivo este que levou a retomada das obras dos grandes açudes; como forma de prestar socorro aos flagelados da seca.

Finalmente no dia 1º de julho de 1932, deu-se o reinício das obras de construção do açude, ouviu-se novamente, o apito da locomotiva e o barulho da casa de força alimentando os guindastes e os britadores. Desapareceram as palavras: crane, water, rain, sawmill, railroad, stonebreaker, ouvidos pela primeira vez no local da construção em 1921, com engenheiros americanos.

Assim, depois de muita espera em 1933 é concluída a obra do açude de Pilões.

1.8 PROGRAMA SOCIOECONÔMICO DESENVOLVIDO PELO IFOCS

Depois do açude construído, a IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Conta as Secas), desenvolveu um programa socioeconômico, no acampamento de Pilões. Foi introduzida a economia assalariada, os trabalhadores agrícolas transformaram-se em operários. Eram os “cassacos”, que mediante sua fixação deram origem ao povoado de Pilões.

Com esse programa, a IFOCS favoreceu a classe menos favorecida que antes, não recebia a menor ajuda por parte dos governos Federal e Estadual.

Cuidou-se logo do plantio de grandes árvores, algumas de grande porte, vindas da região Norte do Brasil, que aos poucos foram embelezando a paisagem de Pilões. Treze anos depois, a IFOCS passou a ser denominada de DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) que deu sequência ao programa socioeconômico implantado anteriormente. Foi desenvolvido um amplo projeto através de canalização; foram criados pomares, onde

eram cultivadas vários tipos de árvores frutíferas, além de espécies de hortaliças, plantas ornamentais e medicinais. Desenvolveu-se também a criação de gado bovino que fornecia leite para o funcionalismo, que na época era constituído de trinta e dois homens. As técnicas de cultivo do solo eram bastante avançadas para a época e, o solo era bem trabalhado, com uso de técnicas modernas de irrigação e preparação de glebas.

O terreno pertencente ao DNOCS, compreendia uma área de 7.010 hectares, sendo dividida em área seca e área úmida. Toda essa área foi cercada e cuidadosamente vigiada para que as plantações não fossem pisoteadas pelos animais.

A área úmida foi utilizada para a cultura de vazantes, onde tudo se plantava, desde o milho, arroz, feijão, mandioca e batata doce. Uma parte da faixa úmida era reservada para os funcionários trabalharem nos seus dias de folga e outra parte era destinada a vazanteiros particulares, que bem mais tarde tornaram-se senhores absolutos de áreas tanto molhadas quanto seca.

A prática da psiticultura teve um grande desenvolvimento no local, no entanto, contava com uma equipe de guardas que exerciam um forte esquema de segurança, especificamente sobre os pescadores, para que não praticassem a atividade fora do período determinado para a coleta do peixe, e também contribuído para a não extinção de algumas espécies.

1.9 PILÕES NO AUGÉ DO DNOCS

Em Pilões, a área que mais foi feita benfeitoria, por parte do DNOCS, foi a parte onde foi construído o canteiro de obras, era onde morava o funcionalismo. Foi criada a escola primária, construiu-se aeroporto e estradas; tinha assistência médica, água encanada, telefone, energia elétrica fornecida através de caldeiras, tinha também até transporte a disposição dois funcionários para casos de urgência.

No auge do DENOCS, Pilões, viveu seus dias de glória; pois aqui existia uma riqueza muito grande, já que a maioria dos seus habitantes eram funcionários da referida autarquia, que na época, já contava com um número bem maior de empregados classificados em diaristas e mensalistas. Aqui se cultivava de tudo: cereais, frutas, hortaliças, contavam também com fornecimento de leite e carne. Estes benefícios eram fornecidos de forma gratuita para aqueles ligados diretamente à produção, mas os funcionários podiam adquirir esses produtos por um preço bem acessível.

Nessa época foi fundada uma cooperativa, que era uma espécie de casa comercial, em que os funcionários compravam gêneros alimentícios por um preço bem barato e ainda tinham participação dos lucros, pois eram sócios da referida cooperativa.

Em toda área do acampamento do DNOCS, manteve-se a tranquilidade, através da implantação de uma disciplina rígida sobre seus habitantes, onde os mesmos eram obrigados a obedecer, normas escritas e ditadas pelo chefe do DNOCS.

O distrito de Pilões no auge do DENOCS foi chefiado por vários engenheiros agrônomos, sendo que, o que ficou mais conhecido e que ainda hoje é citado como exemplo de ordem e disciplina, por algumas pessoas, foi o engenheiro agrônomo José Macário de Brito, conhecido por “Dr. Macário”.



Foto 7. Prédio onde funcionava o escritório do DNOCS

1.10 PILÕES E O DECLÍNIO DO DNOCS

Com o passar dos anos, o distrito de Pilões passou a ser chefiado por técnicos agrícolas. E a partir de 1970 esse cargo passou a ser ocupado por alguns de seus funcionários que recebiam ordens do chefe do Perímetro Irrigado de São Gonçalo, ou seja, já passou a ser chefiado de forma indireta, pois esses funcionários que exerceram o cargo de chefe, não tinha autonomia para tomar decisões importantes.

Foi a partir daí que começou o declínio do DNOCS, passando a acontecer vários conflitos, por posse de terra. Eram os conhecidos “posseiros” que passaram a disputar a mesma área de terra, disputa esta que chegou a ocasionar mortes e intrigas.

No final da década de 70 e no início de 1980, a maioria dos funcionários do DNOCS, que moravam no distrito de Pilões requereram suas aposentadorias e os que permaneceram na ativa ficaram praticamente sem fazer nada, pois não tinha em que trabalhar. Começaram a acontecer a depredação dos pomares, e de alguns prédios, que foram construídos em 1921, início da construção do açude, os mesmos foram invadidos por vândalos que se apropriaram de portas, telhas, madeira e etc. Um desses prédios foi o “pinhão”, que servia de casa de hóspede na época do auge do DNOCS. Esse prédio era um grande atrativo no local e muito apreciado pelas pessoas que nele se hospedavam, pois se localizava no alto de uma colina, apresentando uma vista muito bonita.

Assim, aos poucos, foi acontecendo o processo de declínio do DNOCS, ficando em funcionamento, apenas o serviço de piscicultura e a agricultura por parte de particulares na área úmida do açude.

Apesar do declínio do DNOCS, o açude de Pilões hoje ainda representa uma fonte de riqueza muito grande para sua população, que na sua maioria sobrevive da pesca e do plantio de vazantes, onde são cultivados o milho, o feijão, a batata-doce, o arroz e etc. Este fato foi comprovado quando em 1998, este açude veio a secar devido à falta de chuvas, deixando sua população em estado de calamidade, já que até a água para o consumo diário passou a ser fornecida através de carros pipas.

1.11 O DISTRITO DE PILÕES E A ADMINISTRAÇÃO DO INTERPA

Em 17 de março de 1986, o DNOCS transferiu a administração do acampamento de Pilões para a antiga FUNDAP (Fundação de Colonização e Desenvolvimento Agrário do Estado da Paraíba), que a partir de 06 de março de 1991 passou a se chamar INTERPA (Instituto de Terras e Planejamento Agrícola do Estado da Paraíba). Este órgão lida com as questões fundiárias e agrárias; sendo quem identifica as áreas ocupadas, seja por direito de uso legal, seja por posse, como também as áreas devolutas, através da discriminação e identificação feita por seus funcionários: topógrafos, técnicos agrícolas, agrônomos, cartógrafos e etc. É o órgão encarregado de solucionar os litígios (disputa de terras) ou ocupações irregulares.

O trabalho do INTERPA em Pilões veio atuar com a finalidade de identificar todo o perímetro (7.010 há), reconhecendo as rendas, posses, áreas soltas, para em seguida entregar títulos agrários desses lotes e seus devidos ocupantes de forma definitiva ou por concessão de uso de terra (documento por dez anos), dando condições e seus ocupantes de legalizá-los junto

a cartórios, INCRA, e com isso o direito a empréstimos agrícolas junto aos bancos oficiais credenciados.

Com trabalho topográfico realizado pelo INTERPA, foi feito o loteamento entre as famílias apossadas, definindo limites; com isso foi extinto conflitos antigos, existentes desde a época do DNOCS.

A área do assentamento da gleba de Pilões está situada, nos municípios de São João do Rio do Peixe, Triunfo e Poço de José de Moura, vivendo nessa área 750 famílias.

A administração da gleba de Pilões está diretamente ligada ao núcleo Regional do INTERPA de Catolé do Rocha; gerenciado por Raimundo Laci Abrantes. A equipe técnica que atua em Pilões é constituída por Mizael Fernandes Nogueira (agrônomo), Rômulo Barros de Alencar (agrônomo) e José Ivan Leite da Nóbrega (Técnico Agrícola).

O distrito de Pilões atualmente cresceu um pouco em relação à época do DNOCS, no que se refere a população e moradia; mas economicamente à maioria dos seus habitantes são muito carentes, tendo o açude como a única base de sobrevivência; vivendo da pesca e do plantio de pequenas vazantes, já que com a privatização da SAELPA, os preços da energia elétrica tornaram-se exorbitantes, tornando-se inviável o desenvolvimento da agricultura, ficando, portanto o plantio de grandes áreas para aqueles agricultores que têm condições de contrair empréstimos junto aos bancos, ou que vende parte de sua produção agrícola antes de colhê-la.

A parte do açude onde está situado o distrito de Pilões, ou seja, a parte onde se localiza sua parede, hoje serve como fonte turística, pois o banho atrai pessoas de várias localidades, principalmente no período de cheia. Nesse local foram construídos bares, churrasarias, banho de bica e etc., que serve como fonte de renda para os seus proprietários. É também a única fonte de lazer para as pessoas da comunidade.

Outra parte da população são antigos funcionários do DNOCS, aposentados do INSS e um pequeno número de funcionários do Estado, que têm como local de trabalho a Escola de Educação Infantil e Fundamental Severina Almeida.

Pilões atualmente está dividida em três partes; Pilões I, II e III.

Pilões I é a parte que fica depois do açude, onde se localizava o canteiro de obras, hoje pertence ao município de Triunfo. É também onde se encontra a sede da Igreja Católica que tem como santo padroeiro São José. Encontra-se em Pilões I, as casas residenciais construídas em 1921, que a partir da administração do INTERPA foi doada a seus moradores.

Pilões II é a parte onde se localiza a vila dos pescadores, também conhecida como a “Ruinha”, que no auge do DNOCS foi denominada de “Fogosa”, devido à existência de

confusões (brigas), era onde se encontrava as famosas “bodegas”, que vendiam entre outras coisas a cachaça. Em Pilões II encontra-se, o posto telefônico, posto de saúde, a Igreja Evangélica e a Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Severina Almeida.

Pilões III é a parte que surgiu por último. É a parte que se localiza na entrada, na parte de quem vem de São João do Rio do Peixe e onde mora alguns membros da família “Dantas”, que foram uma das primeiras famílias a afixar residência nas proximidades do açude de Pilões e desenvolver agricultura na faixa úmida do açude, e ainda hoje alguns de seus membros desenvolvem a mesma atividade. Pilões II e III se localizam antes do açude e pertencem ao município de São João do Rio do Peixe.

1.12 PILÕES NOS DIAS DE HOJE

Pilões nos dias atuais tem apresentado um grande crescimento nos vários setores, desde a educação, cultura, esporte, entre outros.

Na parte de Pilões I, que abrange depois do açude (no sentido leste-oeste), o crescimento tem sido marcante nos últimos anos. Com zelo e dedicação da administração do município de Triunfo, essa área tem se tornado privilegiada, pois muitas construções de arquitetura moderna surgiram, além de bares e restaurantes para melhor servir os turistas que chegam ao local. Na administração do prefeito Damísio Mangueira muitas promoções turísticas foram implementadas com o objetivo de tornar essa área de Pilões, um forte atrativo turístico, ao mesmo tempo, que promove o emprego e crescimento econômico.

Um ponto marcante em Pilões I é a questão da religiosidade, onde os fiéis professam sua fé de forma bastante fervorosa ao santo padroeiro do local que é São José. A festa dedicada ao padroeiro é um marco histórico no calendário turístico do distrito e, atrai centenas de romeiros que lotam as dependências da capela de São José em clima fervoroso e devoção. Uma vasta programação é organizada pela equipe de pastorais da Paróquia de Menino Deus (Triunfo), para as celebrações do novenário e festa de São José, que acontece no dia.

2 POR UMA IDENTIDADE DE PILÕES

2.1 RELIGIÃO E POLÍTICA – PADRE SÁ, O PADRE POLÍTICO

Assim, identificado com o seu povo, o Padre Joaquim Cirilo de Sá foi se tornando líder e toou conta da situação política do seu município. Conhecedor profundo dos problemas que assolavam a região dividiu, entre o sacerdócio e a política, o seu poder de condutor do povo. Era um grande aliado dos políticos, em especial, do Dr. Epiácio Pessoa, o que lhe rendia forte liderança no alto sertão paraibano, em especial no Rio do Peixe. Aproveitando-se do seu prestígio político junto ao Presidente Epiácio Pessoa, o Padre Sá empunha a sua luta pela construção do Açude de Pilões e documenta-se, através desta carta, o seu pedido.

“Exmº Sr. Senador Epiácio Pessoa”

Meus Cordiais cumprimentos.

É pela segunda vez que escrevo a V. Ex^a. Apresentando o relatório do estado aflito de nossos patrícios sertanejos, acossados por uma seca tremenda, horrível, nunca vista entre nós.

Tudo tende a desaparecer por completo devido aos efeitos ardentíssimos de um sol abrasador. Não venho Excelentíssimo Senhor fantasiar numa situação lastimável os nossos dedicados patrícios, quero apenas historiar sinceramente em síntese o desmoronamento de uma parte de nossa casa Paraíba, que se extorce nos últimos paroxismos de uma dor cruciante. É lastimável vê-la inteiramente desprestigiada, abandonada e ao mesmo tempo perseguida e humilhada pelo terrível flagelo climatério a seca, sem uma centelha dos favoritos que nos garante a Constituição do País, amenize a pavorosa situação que desventurosamente atravessamos.

No sertão da Paraíba, não se pode mais viver, a não ser com grande sacrifício por que se tornou precaríssima a subsistência.

A maior parte dos indigentes nem mais encontra quem lhe dê o escasso alimento que os abrigue da morte pela fome, pois são minguidos os cereais que vêm de longe por preços exorbitantes. Estamos em plena seca formidável. Admirabile visu!

Desde o começo do ano, quando se desvaneceu a fagueira esperança do inverno, levas de famintos aterrorizados pela fome, cruzam as estradas lutando pela vida sem rumo, sem alento, num vai e vem descompassado em demanda de lugares auspiciosos que lhes garantissem a subsistência malograda. Vultos esquecidos, maltrapilhos e andrajosos, vagam em uma debandada forçada; nus caindo vitimados pela fome, em sítios inóspitos para nunca mais se reerguerem, outros comprimindo o coração e os olhos rasos d’água entregando,

lastimando a dura sorte, os queridos filhinhos a pessoas compassivas e caridosas para ampará-los contra o medonho influxo do algoz sem entranhas que faz convulsionar uma população indefesa. Alguns finalmente existem ainda mais sacrificados, sem recursos, já não podendo viajar por lhes faltarem os meios preciosos para o difícil transporte, estendo forçosamente sentenciados a sucumbir de fome em suas humildades vivendas.

Jamais se nos deparou condição tão aflitiva!. Para estes pobres desventurados Exm^o Sr. É que o Governo da União com mais afan deveria lançar suas vistas, prodigalizando-lhes meios eficazes para remediar semelhante desgraça uma vez que muitos estão localizados sem aptidão para a defesa da vida e por um injustificável apego não abandonam os pátrios lares preferindo aguardar ali o dia fúnebre do trágico martírio o que não virá longe. E para chegarmos ao fim colimado de minorar tal infortúnio, lembrei a V. Ex^a. Em uma outra missiva particular e ainda confirmo com insistência que a única taboa de salvação para se evitar em parte tão funesta hecatombe é a construção urgente do grande Açude de Pilões já estudado e orçado, cujo local se acha situado no município de São João do Rio do Peixe, onde os governos passados em bons tempos, quando o sertão era um paraíso, gastaram com exploração considerável soma do erário nacional até agora sem resultado, visto permanecerem os trabalhos no mais imperdoável esquecimento.

Se tivéssemos o Açude de Pilões na zona sertaneja, estaríamos amparados contra os horrores manifestado do fenômeno devastador pelo menos teríamos ricas vazantes de cereais, frutas, peixes e água em abundância e muitos outros meios preventivos para tempo anormais com o que estamos miseravelmente suportando.

Não é Exm^o Sr., tão difícil como se imagina a construção do Açude de Pilões, talvez maior e mais fértil, o mais vantajoso da Paraíba porque o transporte do material necessário torna-se fácil pela estrada de ferro de Baturité, Estado do Ceará, cuja estação Iguatú, dista de Pilões vinte e duas léguas por caminhos bem regulares que oferecem ótimas vantagens. Os nossos sertanejos geralmente fortes, robustos e dispostos capazes de enfrentar qualquer serviço braçal que não queiram esmolar, precisam de um trabalho digno e honesto no qual possam ganhar o pão para mitigar a fome. E são por esta causa que apelo para o alto patriotismo, prestígios e sincera generosidade de V. Ex^a. Como interprete genuíno dos nossos sentimentos, que possui um coração magnânimo, rico de virtudes cívicas e humanitárias. Para V. Ex^a. estão voltadas as nossas vistas como nosso benemérito advogado perante aos altos poderes da Nação. Estou certo, pois que Ex^a. Não abandonará os nossos pobres patrícios sertanejos na mais dolorosa impressão de que estão possuídos, favorecendo-lhes com um amparo garantido para não morrerem de fome. Nesta feliz expectativa vim do interior do

nosso Estado para esta capital prometendo aos nossos patrícios que lá voltaria quando conseguisse alguma coisa para lhes matar a fome. Até agora nada fiz e nem esperança tenho de alcançar o meu “desideratum”.

Eis por que peço a V. Ex^a. um feliz tratamento em prol das vítimas sertanejas. E se nada puder ser obtido resignado retornarei ao meu torrão natal dizendo que cumpri meu dever, desempenhei a minha missão embora que inundado também pelas injunções do cruel momento acompanhe nossos patrícios no sinistro holocausto que os aguarda. Portanto confiando ainda espero porque vejo em V. Ex^a. uma garantia dos nossos sagrados direitos.

Reafirmo que será de muito alcance a construção do aludido açude de Pilões porque se salvará necessariamente a população flagelada da maior parte dos municípios sertanejos sem grande agravante para o cofre público ficando aquela zona dotada do mais fértil melhoramento possível uma vez que a localização do monumental açude acha-se do Rio do Peixe, possuindo bacia vastíssima que nos proporcionará um futuro promissor contra a calamidade das secas repetidas.

Em vista do exposto Exm^o Sr. daqui na Capital, aguardo o momento venturoso de uma resposta favorável em benefício dos nossos sertanejos flagelados para com a máxima urgência transmitir a alvissareira notícia da solução àqueles que lutam pela vida perseguida pela fome.

E na qualidade de humilde sacerdote sertanejo subscrevo-me de V. Ex^a. Amigo atencioso Cr^o. Ob^o. Padre Joaquim Cirilo de Sá”

2.2 A BIOGRAFIA DO PADRE SÁ

Natural do povoado de Barra do Juá, hoje pertence ao município de Triunfo, o Padre Joaquim Cirilo de Sá exerceu uma influência muito grande no desenvolvimento socioeconômico de São João do Rio do Peixe.

O Padre Sá tornou-se uma memória esquecida, e não teve a glória, pelo seu valor e serviços prestados à nossa querida São João do Rio do Peixe. Ele não foi apenas um sacerdote, pois mergulhou profundamente nos vários problemas que atingiam nossa população. Era um grande líder político, que, durante vinte e oito anos, conseguiu realizações que marcaram a história do nosso município, entre elas, podemos citar: aprovação de estudos para a construção do açude público de Pilões, as pesquisas na fonte de Brejo das Freiras, a construção da estrada de ferro para o oeste paraibano, extensão da Rede de Viação Cearense, passando por São João do Rio do Peixe.

Foi prefeito deste município quando nomeado por Argemiro Figueiredo, em 1937. Legislou na Assembleia do Estado durante 28 anos. Como vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, deixou o bom exemplo de Pastor, assumindo o sacerdócio de 1898 até 1928. Mas, São João do Rio do Peixe tem sido muito injusta com esse grande homem, pois, na cidade, apenas existe um logradouro com o nome do pároco e político. A histórica Praça do Padre Sá, que, outrora, embelezava os são-joanenses foi demolida e, em seu lugar, foi construída a agência do Banco do Brasil. O desrespeito ao ilustre padre ainda se torna maior quando a localidade, em que fora colocado o seu busto, acabara sendo doada para a construção de um bar. Que falta de memória!

Após sessenta e quatro anos do falecimento do grande líder, Padre Sá, eis que surge seu sobrinho-bisneto, como o mais novo padre do município. A sua ordenação histórica, ocorrida no dia dezesseis de dezembro do ano de dois mil e cinco, marcou a história religiosa de nossa Paróquia, pois movimentou a população são-joanense e de cidades circunvizinhas que, movidas pelo Espírito Santo, comoviam-se diante o patamar da Matriz de Nossa Senhora do Rosário.

O Padre José Elias de Sousa Sá já começou a sua trajetória, demonstrando o seu amor pela terra natal e com objetivo de resgatar a memória do Padre Sá, pois esteve ao lado do Dr. Edílson Sá e contou com apoio da Ordem Franciscana Secular desta paróquia para instalar, em definitivo, o busto do Padre Sá que, agora, não é só acolhido pela comunidade católica, mas também é recebido, de braços abertos pelo Co-Padroeiro São Francisco. Na lateral direita da capela de São Francisco, especificamente, na porta de entrada, no jardim da capela, foi instalado, no dia dezessete de dezembro do ano de dois mil e cinco, às nove horas, o busto do Padre Sá. Essa demonstração do Padre José Elias e de seus familiares serve para que não percamos a memória de figuras ilustres que passaram por esta terra, e, ao mesmo tempo, estimular as novas gerações para resgatarem os nossos valores históricos e culturais.



Foto 8. Padre Joaquim Cirilo de Sá



Foto 9. Busto do Pe. Sá instalado no Jardim da Capela de São Francisco, em 17 de dezembro de 2005.

2.3 A TRADIÇÃO RELIGIOSA DA COMUNIDADE DE PILÕES E A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA

A religião católica, como nenhuma outra religião, inspirou fortemente as cidades do sertão paraibano. A história, a política, a sociedade, os costumes, a literatura, a educação, a música, as artes, o folclore, em todos estes aspectos encontram-se presentes elementos da religiosidade do sertanejo e a comunidade de Pilões, não foge à regra.

A influência religiosa na comunidade tem forte ligação com a própria gênese do município de São João do Rio do Peixe. Logo no início do povoamento surgiu a necessidade de construção de uma capela, cuja localização foi motivo para disputas. No entanto, todos os conflitos foram transpostos pela interferência da Igreja Católica, neste caso específico pelo Pe. José Gonçalves Dantas. Observe:

Houve brigas. Com o rosário no pescoço e bacamarte na mão, os Dantas lutavam pela religião. A fim de solucionar o problema veio uma Comissão Provincial e no dia 20 de setembro de 1855, o Padre José Gonçalves Dantas – filho de Domingos Dantas Rothéia, faz uma doação do terreno-patrimônio de Nossa Senhora do Rosário – tendo por testemunha maior José Gonçalves Dantas e o Provedor Padre Joaquim Theophilo da Guerra. (ABREU, 2006:3)

A ocupação do território, que constitui o município de São João do Rio do Peixe e a formação dos primeiros núcleos de povoamento não podem ser dissociadas de um protagonista insubstituível: a Igreja Católica. Por isso, encontram-se ainda hoje, em lugares preeminentes, diversas pequenas e grandes capelas, dentre elas, as que mais se destacam, são: a Capela de São Francisco e a Capela de São José, que juntamente com a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário são símbolos da fé de um povo, pois a religiosidade está arraigada no fundo da alma são-joanense.

A construção da Igreja Matriz apresenta características importantes da sociedade da época, pois a mesma foi construída através do trabalho braçal de escravos, o que demonstra que a sociedade da época era escravocrata, sendo isso um aspecto negativo. Por outro lado, a participação do arquiteto José Amador Evangelista e do chamado Mestre Vitório aparece como um aspecto positivo, porque transmite um teor artístico à obra.

Todos os encontros, festas e ações religiosas eram momentos de muita importância para uma vida social que se caracterizava pela monotonia, em especial para as mulheres são-joanenses que viviam confinadas em suas casas; outro aspecto, da qual pode-se aduzir que a

sociedade era estruturada em torno da figura masculina, sendo, portanto, um sociedade patriarcal.

Indissociáveis, a política e a igreja se constituíram elementos importantes no povoamento, desde o alvorecer da história de São João do Rio do Peixe, passando pela fundação das unidades de organização social, eclesiástica e política. Tanto a história dessa cidade, como a das cidades vizinhas, é possível identificar a mesma linha em sua formação. Veja:

Podemos observar que a maioria das cidades da região tem suas origens intimamente ligadas a uma fazenda e uma capela, binômio este que em torno do qual foram surgindo os primeiros aglomerados humanos, inteiramente voltados para a criação de gado e a agricultura. (ABREU, 2006,p.1).

Dessa forma, evidencia-se a religião como grande influenciadora da história e da cultura do sertão paraibano, capaz de deixar marcas imperecíveis em todo tecido social e na psicologia do povo são-joanense. Uma influência incontestável e duradoura, que deu início ao povoamento e à própria história.

Parte importante da gênese sociocultural urbana e rural de São João do Rio do Peixe e das comunidade circunvizinhas possui uma conexão mais que religiosa, pois representa um vínculo cultural, simbólico, visceral.

A paisagem local destaca-se pela Igreja Católica que foi edificada em lugar estratégico, que deixa transparecer traços de uma religião que em tempos passados se impunha na sociedade, exercendo um controle que ia além do religioso.

Era costume, em tempos idos, serem os nobres e fidalgos sepultados em igrejas. Dentre as diversas sepulturas existentes no piso e nas paredes do templo, destacam-se os túmulos de Pe. Antônio Fernandes Queiroga, falecido a 20/10/1997, e sepultado no dia 22 do mesmo mês e ano, no piso do corredor, ao pé do altar de Santa Terezinha; a do Cônego Manoel Jácome de Araújo, falecido, na cidade de João Pessoa... (SOUSA, 2007, p. 94).

É interessante explicitar a importância do fenômeno religioso para a compreensão do contexto histórico e social, pois toda religião possui a sua visão própria da realidade e articula um campo próprio para nele agir. Mas, vale mencionar que, por outro lado, a religião também sofre a influência da sociedade na qual se desenvolve, pois dada a formação social, ela participa das chances e limitações desta, podendo atuar de forma mais significativa ou não.

Hoje, percebe-se que tal influencia já não se dá com tanta intensidade, revelando assim um novo tipo d sociedade, sobre a qual a religião não tem mais pertinência plena diante das

transformações da atual sociedade brasileira (num contexto mais amplo), e como consequência lógica na sociedade são-joanense (num contexto mais específico).

Os detalhes importantes do estilo arquitetônico da Igreja Matriz, revelam muita características da sociedade que a ergueu, analisem:

O batistério, com a pia batismal, trabalhada em pedra portuguesa, e a porta, de 1866, trabalhada em madeira de lei, são dignas de admiração. Aí, no batistério, encontra-se a imagem de São João Batista, o patrono da cidade. A igreja não conserva mais o forro de madeira. (SOUSA, 2007, p. 93).

A não existência, atualmente, de uma relação mais intensa entre religião e controle político no Brasil, explica toda esta situação. O Brasil declarou na Constituição Federal de 1988 sermos um Estado Laico, ou seja, um Estado que não influencia e nem deixa influenciar-se por nenhum tipo de religião.

Então, pensando no topo exposto, é que se pretende construir um novo enfoque teórico para o deslinde da história de São João do Rio do Peixe, levando em consideração a interferência da Igreja católica na formação sociocultural da referida urbe.

Mas, para isso, faz-se mister que os historiadores busquem não só reforçar tudo que já se sabe sobre a história de São João do Rio do Peixe, mas procurar analisar os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, sob perspectivas ainda não exploradas, só assim será possível acrescentar elementos relevantes, sob o enfoque histórico.



Foto 10. Capela de São José



Foto 11. Capela de São José – Parte interna.

2.4 UMA IDENTIDADE FIRMADA ENTRE A RELIGIOSIDADE E A BUSCA ATRAVÉS DO PROGRESSO DE SUAS POTENCIALIDADES

2.4.1 Extração de granito no distrito de Pilões

O granito é uma rocha magmática do tipo intrusiva e forma-se a partir do magma incandescente e viscoso do interior da terra, recebendo a denominação de rocha plutônica. O granito é composto basicamente por quartzo, feldspato e mica. Usam-se os granitos como “pedras” de construção e material ornamental, e por causa da presença do quartzo, o granito é uma rocha resistente e durável. Devido à presença de feldspato, o granito pode ser trabalhado com facilidade ao longo de planos definidos.

Atualmente, para localização das jazidas minerais, as empresas utilizam, além das informações geológicas, dados de imagens aéreas enviadas por satélites, que revelam características das formações rochosas e associações a depósitos de minerais.

A descoberta das jazidas de granito no distrito de Pilões aconteceu mediante um mapeamento de toda a Bacia do Rio do Peixe, através de fotografias de satélites que detectou a área do Distrito de Pilões como importante reserva de granito da melhor qualidade. De posse desses dados a empresa FUJI Granitos AS, de Campina Grande, Paraíba, interessada na exploração manteve os primeiros contatos com o proprietário Francisco Nóbrega da Silva, o qual arrendou o terreno para a exploração. Em 2001, teve início o processo de obtenção do

mineral. Uma área de aproximadamente 100 m² foi devastada para o assentamento das máquinas e base de apoio para os operadores. A obtenção do granito era feita com uso de explosivos, meios mecânicos e barras de aço para “cortar” a rocha. Os trabalhadores na maioria constituíam mão de obra especializada, vindos de centros específicos ligados a exploração industrial. Alguns moradores da localidade trabalhavam de forma informal em atividades ligadas ao setor de vigilância e serviços gerais. O granito extraído na propriedade do senhor “Chico Nóbrega” era transportado dentro de contêineres, em caminhões e carretas até Campina Grande, onde passava pelo processo de beneficiamento. As “pedras” de granito que eram extraídas tinham basicamente e estrutura de 3,5 m de comprimento por 2,0 m de largura e 3,0 m de altura e chegavam a pesar em média 50 toneladas. O granito explorado apresentava a cor escura (preto) e também amarelo, após polido apresentava um brilho exuberante, em virtude da presença de cristais reconhecidos a olho nu. A empresa responsável pela extração realizava suas atividades periodicamente, ou seja, durante alguns meses fazia a retirada das rochas e num intervalo de quatro a cinco meses a mina tinha suas atividades paradas.

Sabe-se que, os recursos minerais servem de apoio para o desenvolvimento de um país. No caso do Distrito de Pilões que, desprovido de capital, de tecnologia e de indústria de base passou a fornecer matéria-prima para o centro de Campina Grande que de certa forma buscou o controle das reservas de granito no terreno. Portanto, podemos dizer que possuir o minério nem sempre é o mais importante. De maior importância é saber como aproveitá-lo e dispor de meios para fazê-lo. A comunidade do Distrito de Pilões não obteve nenhum benefício com a retirada das rochas, pelo contrário, teve que lidar com agentes poluentes a todo instante e com a exploração acontecendo a céu aberto implicou no desflorestamento, modificação do relevo, erosão dos solos e acarretou a destruição de ecossistemas locais. O dejetos da mineradora poluiu o solo e as águas e a poeira poluiu o ar. Além dos impactos ambientais, existe o impacto social. A empresa FUJI Granitos AS, de certa forma, cobiçaram as riquezas existentes no distrito de Pilões, invadindo o território e levando o mineral para ser beneficiado em outro município.

Como se não bastasse a empresa resolve explorar uma outra área localizada a cerca de 100 metros da propriedade do senhor Francisco Nóbrega da Silva. O responsável pela empresa dirige-se ao proprietário José Nilton Caboclo Amorim para propor arrendamento da sua propriedade, alegando que a exploração no terreno antigo estava suspensa, pois, a rocha extraída apresentava alguns problemas na sua comercialização em virtude de apresentar fraturas após beneficiada. E mais uma vez, o dono da terra sem nenhuma consulta fecha

acordo com os exploradores e, no ano de 2004, tem início o extrativismo. Na propriedade do senhor José Nilton a empresa encontrou o granito de boa qualidade e com características bem especiais, principalmente no que concerne a sua coloração, pois, era um granito de cor clara com tons bastante variados e muito ricos em cristais macroscópicos. No ano de 2007, a exploração foi suspensa, em virtude de um trágico acidente ocorrido no dia 28 de agosto e, que teve como vítima o filho do proprietário José Nilton. Durante a extração do granito, quando o jovem José Edson Alves Caboclo operava a máquina cortadeira da rocha, um dos seus equipamentos saltou atingindo o olho esquerdo do rapaz que acabou perdendo por completo a visão direita. O acontecido chamou a atenção dos curiosos e da comunidade, despertando assim o interesse pelo assunto. A empresa manteve alguns contatos dos operários exercerem a função de mineradores sem a qualificação específica e o mais grave ainda, exercendo atividades informais.

Cabe, portanto, as autoridades locais a iniciativa em dar maior importância aos recursos naturais existente no território e, para isso, pesquisar com profundidade os minérios existente e elaborar projetos estruturados que venha contribuir com a apropriação desses bens de maneira que não ponha em risco a vida dessas comunidades e também o quadro ambiental local.



Foto 12. Granito extraído no povoado de Pilões

2.4.2 As lavouras de subsistência e comerciais nas margens da barragem de Pilões

Em um dos trechos da carta escrita pelo Padre Sá ele justificava a construção do açude de Pilões:

Se tivéssemos o açude de Pilões na zona sertaneja, estaríamos amparados contra os horrores manifestados do fenômeno devassador pelos menos teríamos ricas vazantes de cereais, frutas, peixes e água em abundância e muitos outros meios preventivos para tempos anormais como o que estamos miseravelmente suportando.

O sonho do Padre Sá foi realizado, pois, a construção da Barragem contribuiu com uma grande reserva de água. Água essa que passou a ser utilizada pelos moradores da comunidade em lavouras de subsistência, tais como, as vazantes de arroz, milho, feijão, batata, entre outros. Ao lado do cultivo de cereais, surgiu também um grande pomar, onde era cultivado variadas espécies de vegetais frutífera que além de abastecer as famílias produtora, com seu excedente era comercializada nas cidades circunvizinhas. No pomar eram cultivados: goiaba, manga, graviola, pinha, banana, tomate, cenoura, repolho, entre outros. Atualmente, o pomar encontra-se em estado de abandono, pois, foi comprado por particulares que não continuaram com o plantio e os cuidados necessários com as espécies existente foi relegado.

A cultura do arroz na Bacia de Pilões tem crescido a cada ano, e graças ao avanço tecnológico e os investimentos concedidos aos lavradores locais, a produção de arroz no distrito está entra as maiores do estado da Paraíba colocando Pilões como grande celeiro na produção de arroz que, depois de colhido é vendido para os municípios de Patos, Caicó e Riacho dos Cavalos, onde é beneficiado e colocado à disposição dos comerciantes. A plantação do arroz é feita em áreas de várzeas e são irrigadas com a água do açude que é represada. Quando o inverno é bom, são realizadas duas colheitas; a correspondente ao inverno, que ocorre no período de janeiro a junho, e com uso da irrigação acontece nos meses de junho a dezembro. A colheita é feita de forma mecanizada, operada por produtores locais, o que tem gerando emprego e faz circular capital na comunidade e cidade adjacentes.

Outra atividade muito importante é a pesca. Os pescadores do distrito realizam a pesca artesanal com uso de canoas e redes tradicionais. Na comunidade existe uma associação de pescadores que direcionam a atividade, respeitando o período de reprodução do pescado. As espécies pescadas na barragem servem de alimento para as famílias dos pescadores e a parte excedente é comercializada nas comunidades próximas, além de entrar no cardápio oferecido aos turistas que frequentam o açude.



Foto 13. Cultivo de arroz nas margens da barragem do açude de Pilões

2.4.3 O turismo no distrito de Pilões

O turismo é uma das atividades econômicas que mais têm crescido e gerado empregos no mundo atual.

Sua relação com o comércio é das mais significativas, na medida em que o fluxo de visitantes em um país amplia o montante de produtos comercializados.

O Distrito de Pilões ocupa posição expressiva, com aumento do fluxo turístico a cada ano. Isso se deve, principalmente, ao grande potencial oferecido através do açude público e toda uma rede de bares e restaurantes com comidas típicas que atraem os visitantes.



Foto 14. Açude Público de Pilões no Período de Cheias – atrativo para banhistas

No período das cheias do Rio do Peixe, a Barragem de Pilões se torna o ponto de atração de visitantes das cidades e estados circunvizinhos que vêm em busca do banho nas águas do grande açude e aproveitam a paisagem verde para registrar momentos inesquecíveis. É como se os visitantes se sentissem em um verdadeiro “oásis” em pleno sertão cálido e castigado pela falta de chuva, pois, o verde da caatinga é contrastado com o mar de água do açude, dando um colorido de alegria e paraíso ao local.

O crescimento do turismo em Pilões impulsionou o processo urbanístico do distrito, onde os moradores veem nessa atividade a grande fonte de renda e subsistência. Inúmeros projetos de construção e pavimentações já aconteceram e, as autoridades já vislumbram o potencial turístico local como uma alavanca para o crescimento da comunidade e da região.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar nos momentos finais deste trabalho percebo o quanto é gratificante todo o esforço e dedicação em revisar uma bibliografia de suma importância para uma comunidade que espalha motivação e estimula cada um de nós acadêmicos, a debruçar sobre os livros e marcamos a história de suas origens e fundação. Senti-me tocada pelo desejo em colaborar com a comunidade que vi crescer e, a escolha não recaiu por acaso, pois, Pilões é um distrito rico culturalmente e que desponta como um grande celeiro da nossa economia.

O presente trabalho é um resgate histórico desta terra, que servirá como subsídio para as gerações futuras, ao mesmo tempo, estimulará outras pessoas a aprofundar o estudo sobre esse valioso torrão. Ciente da valorosa contribuição para a comunidade de Pilões, externo a mais profunda gratidão a todos que direta e indiretamente colaboraram com a confecção desse material. Foram inúmeras as dificuldades, mas o desejo em conhecer e produzir conhecimento falou mais alto ao ponto de culminar com o importante trabalho.

Espero que, essa não seja a única documentação histórica do Distrito, mas que novas gerações se engajem e levem aos quatro cantos do mundo a rica e valiosa história desse povo.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTAXO, Rosilda. – **Estradas das Boiadas, roteiro para São João do Rio do Peixe.** João Pessoa, 1975.

DOSSIÊ DE AMBIÊNCIA, registrado, com Direitos autorais no CONFEA, sob N°.488 em 31/07/1991, publicado no DOU em 05/08/1991 e amparado pela Lei N°. 5.988 de 14/12/1973. Paraíba: Campina Grande, junho de 2004.

DANA, Hurlbut – **Manual de Mineralogia** vols. I e II. Ao livro técnico.

ERNEST, W.G – **Los minerales de la tierra.**

_____ - **Minerais e Rochas** – Ed. Edgard Blucher Ltda São Paulo, 1971.

GUIA PRÁTICO – **Rochas e Minerais.** Nobel ed. 1998.

LEINZ, Vicktor & AMARAL, S.E. **Geologia Geral.** 14^a. Ed. S. Paulo: Editora Nacional, 2003.

RODRIGUES, Janete Lins – Coordenadora – **Cartilha paraibana; aspectos geo-históricos e folclóricos.** João Pessoa, GRAFSET,1991.

SCHUMANN, Walter – **Rochas e Minerais.** Ao livro Técnico S/A – Indústria e comércio. Rio de Janeiro, 1989.

SOUSA, Edílson Tomaz de – **São João do Rio do Peixe, Nossa Terra, Nossa História.** Cajazeiras, Gráfica Ideal, 2007.